



## **ENSAIO SOBRE O RACISMO: ANÁLISE SOBRE O TEMA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS E DOS TEXTOS “O PROBLEMA DA MORAL”, “EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO” E “EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ”**

MADRUGA, Thayane Santos<sup>1</sup>; SOUZA, Antonio Escandiel de<sup>2</sup>

**Palavras-Chave:** Racismo. Emancipação. Práticas Socioculturais. Educação.

### **INTRODUÇÃO**

Em 1888, o Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão. Bem, sabe-se que este fato não facilitou, tampouco melhorou a vida do cidadão negro no Brasil. Os anos passaram e o desrespeito aos negros não acabou. Continuou sendo tratada com naturalidade a discriminação, a ofensa, a covardia contra as minorias. E este foi e ainda é um grande mal da sociedade, tachar como cultural, como natural algo que vai contra o respeito à vida humana. Ainda hoje, no ano de 2018, são muitos os casos de negros que são vítimas desses preconceitos, que são apoiados, de certa forma, pela maneira como a sociedade brasileira se define em políticas públicas de acesso e afins. Vale lembrar que este mal não é exclusividade de nosso país, mas a análise diz respeito à nossa situação. Os textos utilizados na construção desta análise trazem como “solução” a este problema social a educação. Educação básica, humanizada, com princípios de respeito e valorização à vida de todos, criando assim uma geração de pessoas capazes de perceber que o que se vê e realmente importa em alguém vai além da cor da pele, orientação sexual, religião etc. Portanto, este ensaio debate como o resultado do que os autores propõem poderia evitar situações de racismo já vivenciadas inclusive por mim, que redijo este texto. Negra e em busca de um mundo melhor e mais igualitário.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado, da Universidade de Cruz Alta- RS. E-mail: thayane.madruga@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Orientador: Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, Doutor em Linguística Aplicada – UFRGS, Mestre em Estudos Linguísticos – UFSM, Especialista em Linguística textual – UNICRUZ, pesquisador líder do Grupo de Estudos Linguísticos - GEL/UNICRUZ, asouza@unicruz.edu.com.br;



## **METODOLOGIA**

O estudo propõe uma reflexão sobre um grave problema da humanidade, que é o racismo. A prática de discriminação e maus tratos às pessoas por sua cor, ou por divergência de escolhas e opiniões, sejam elas quais forem, precisam ser debatidas e soluções precisam começar a ser pensadas.

Para tanto, um trabalho de abordagem qualitativa em cima de uma pesquisa bibliográfica uniu experiências e conceitos primordiais de qualquer sociedade, que são a moral e a educação. Utilizando autores como Zygmunt Bauman, Jessé Souza, Theodor W. Adorno e Ulrich Becker, foi construída uma narrativa que apresenta situações reais, a elas sendo aplicadas as ideias expressas nos textos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Assim como ocorreu no regime de produção escravocrata em muitas épocas e regiões do mundo, o Nazismo também deixou feridas profundas que nunca irão cicatrizar. Adorno aborda o episódio de Auschwitz, maior campo de concentração alemão durante a Segunda Guerra, onde milhões de pessoas foram mortas devido a intolerância do ser humano de não aceitar as diferenças do outro, de querer tornar absoluta uma determinada “conduta moral”, de deixar viva no mundo apenas a chamada “raça pura”. Mas, como de costume, a naturalização de algumas culturas é o que faz com que as situações não sejam tratadas com a determinada importância.

Com o passar dos anos, este episódio, assim como a escravidão, são apenas uma mancha no passado da humanidade para muitas pessoas. É a moral conceitual agindo novamente: se foi aceita e naturalizada pelo todo, então é natural para mim também. Este episódio nunca mais se repetirá, eles dizem, será mesmo? Será que em pleno 2018, pelo mundo todo e também em pleno Brasil, ainda não temos campos de Auschwitz com pessoas sendo mortas por orientação sexual, credo, partido político etc.? Será que não temos ainda pairando sobre os negros um peso que não deveria existir por terem apenas uma pele mais escura?

A reflexão é clara. Ainda que não em proporções catastróficas como nos períodos já citados, ainda hoje vemos casos de pessoas que são linchadas em via pública por defenderem uma bandeira, seja ela qual for, pessoas que são frequentemente humilhadas e para muitos



seguem sendo vistas como inferiores por serem negras. Mas o questionamento é: se Auschwitz e a escravidão foram assim tão marcantes, como ainda se repetem? Por que ainda seguimos este “comportamento moral”?

Mais uma vez, analisaremos o contexto do Brasil. A educação. São inúmeras as lutas por mais qualidade na educação brasileira na tentativa de formar sujeitos críticos, capazes de tomar boas decisões para si e para o meio em que estão inseridos a fim de realizarem transformações socioculturais importantes para o agora, mas principalmente para o futuro. Porém a realidade do país anda na contramão desta vontade, são quase como adversários. Em um país onde os governantes muitas vezes são corruptos, enganam o povo, lhes negam condições de uma vida melhor, saúde melhor, moradia melhor, eles se tornam basicamente inimigos da educação. Exemplo disto é que mais uma vez, de forma manipulada e na surdina, disciplinas que estimulam a percepção de criticidade e de mundo dos alunos numa fase tão importante quanto a adolescência, onde há a formação de caráter do cidadão, foram tiradas da grade obrigatória. Assim como destaca Jessé Souza na obra “A tolice brasileira”, grande parte da população ignorante se deixou manipular pela massa crendo que tais disciplinas de fato não são importantes.

Entretanto, o que Adorno e Becker abordam é que somente através de uma educação de base com qualidade, e novamente trazemos o conceito de igualdade, é que se pode desenvolver um sujeito emancipado. No Brasil, o que temos desenhado de forma bem clara é que as escolas particulares geralmente oferecem um bom ensino, enquanto que aquelas mantidas pelo Governo mal conseguem se manter, oferecer segurança ou alimentos aos seus alunos. O que o texto traz é que uma educação igualitária, para todos, com bons conteúdos e diversificados em todos os níveis, é o que deveria ser a preocupação dos governantes brasileiros.

Ao tratar da educação de base, ou seja, na infância, Adorno se refere aos exemplos. Uma criança tem consciência de si como sujeito, do que gosta ou não, imitando e seguindo os passos de seus tutores. Uma criança que tenha um pai agressor, muito provavelmente será um adulto agressor, é a pedagogia do oprimido, retratado por Paulo Freire (1974). Assim é com a educação. Se os exemplos que damos às crianças são de intolerância, discursos de ódio, criaremos pessoas que novamente serão capazes de chicotear a negros, matar judeus, agredir homossexuais, entre tantas outras barbáries que já foram e ainda são realizadas na sociedade atual.



Até aqui trouxemos o conhecimento como uma arma poderosa na luta em prol da formação de seres humanos mais críticos e empáticos. Entretanto, o que se vem observando é que o poder, nas mãos erradas, é ainda mais devastador. Um dos fatores que potencializaram Auschwitz, foi que ali havia pessoas com conhecimento suficiente para gerar grandes ações de (trans)formação social, mas que o aplicaram cegos em uma ideologia que visava o bem apenas de uma pequena parte. O saber não deve ser um fator de segregação, não deve afastar as pessoas. O que o texto trata como consciência de coisificação. Aqueles que tem alcance ao conhecimento científico, devem utilize-lo em prol do bem geral, ou seja, nunca se precisou tanto dos cientistas sociais para a percepção de problemas e busca de soluções para transformações de práticas socioculturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia deveria ter efeito no sentido de dificultar a manipulação das pessoas, uma vez que é mais uma fonte de conhecimento, entretanto há um exagero no uso da tecnologia, que acabou tornando as pessoas mais individualistas, capazes de naturalizarem a agressão, a violência, de a considerarem cultural e por isso algo imutável. A frieza, frente ao destino do outro, dos responsáveis por Auschwitz ou dos senhores de engenho que torturaram os escravos era falta de empatia ou medo pelo seu próprio destino?

A resposta é que mesmo após muitos anos, o Brasil ainda é cenário dessas barbáries, mascaradas como conduta moral. E insistimos em não querer ver, em varrer para debaixo do tapete, em levar no famoso “jeitinho brasileiro”. Até quando? Quantas vidas mais serão ceifadas para percebermos que é educando, respeitando que conseguiremos mudar? Se nada do que aconteceu até hoje na história da humanidade foi o suficiente para calar fundo nossa falta moral, o que será preciso para entendermos? O que será de nós no futuro?

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

UGENDHAT, Ernst. **O problema da moral**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.